

In - <http://cantoalentejano.com/novidades/?id=38&det=1>
Alentejo Ilustrado, 04-03-2005

ALENTEJANOS NA MARGEM SUL DO TEJO: memórias da diáspora.

Entre 1931 e 1960, 66 mil pessoas abandonaram o Baixo Alentejo, em busca de melhor vida. A Margem Sul do Tejo foi o destino de uma larga percentagem destes migrantes, pelas oportunidades de emprego que oferecia. Apesar da distância e dos anos decorridos, os alentejanos do Barreiro, do Feijó ou do Seixal, não esqueceram as suas origens.
Alberto Franco TEXTO | José Serrano FOTOS Alentejo Ilustrado, de 4 de Março de 2005

| **Alentejoilustrado** | 5 – 4 de Março de 2005

Alentejanos na Margem Sul do Tejo: memórias da diáspora

Alberto Franco TEXTO | José Serrano FOTOS

São nove da noite, está um frio de rachar e a televisão transmite futebol europeu. Tudo convida a ficar em casa, mas os membros do Grupo Coral Alentejano Amigos do Barreiro não vão em cantigas. À hora marcada, aparecem na sede do grupo, para mais um ensaio. O que os faz trocar o conforto do sofá e as emoções da bola, pelo pátio enregelado onde entoam a "Ribeira do Sol Posto" e outros temas do cancionero alentejano? A resposta é unânime: o gosto pelo cante e o apego às raízes, que os muitos anos de afastamento não conseguem destruir.

O grupo é composto por 25 elementos, quase todos originários do Baixo Alentejo. Uma amostra simbólica dos muitos milhares de alentejanos que se viram forçados a migrar para a Grande Lisboa, em busca de melhor vida. O movimento iniciou-se nas primeiras décadas do século XX. Calcula-se que entre 1931 e 1960 o Baixo Alentejo tenha perdido 66 mil habitantes, sangria que foi particularmente intensa nos anos 50 e 60. Nesses decénios negros, o distrito de Beja despediu-se de 46 480 pessoas.

Os distritos de Portalegre e Évora, por sua vez, viram partir 28 688 e 23 036 dos seus naturais. Extinto algum efeito empregador da Campanha do Trigo, com a agricultura já muito mecanizada, o desemprego assola vilas e aldeias, empurrando os alentejanos para o exterior. Só ficam os mais velhos, os poucos que contam com trabalho certo, os que teimam em acabar onde nasceram.

Os migrantes espalharam-se por toda a periferia de Lisboa, somando-se aos que provinham de outras zonas desfavorecidas do interior do País, como as Beiras, Trás-os-Montes e Algarve. Porém, a região que mais alentejanos atraiu, foi, desde sempre, a Margem Sul do Tejo. Vários motivos justificam esta preferência. Era no Barreiro que terminava a linha férrea do Sul e Sueste, a "estrada" que tantos e tantos alentejanos tomaram ao partir. Lisboa estava à vista, para o que desse e viesse, mas suficientemente longe para não enredar os recém-chegados nas suas confusas teias de cidade grande.

Depois, é na Margem Sul que desponta, nos finais do século XIX, uma rede de indústrias que vai gerar milhares de postos de trabalho. Falamos de dezenas de unidades de preparação e transformação de cortiça, cujo expoente máximo é a catalã Mundet, instalada no concelho do Seixal desde 1905; de empresas de construção e reparação naval, desde pequenos estaleiros à gigantesca Parry & Son; de firmas de lanifícios, vidro, descasque de arroz, conservas de peixe, moagem, etc. Almada, Barreiro, Seixal, Montijo, Alcochete, tradicionalmente terras de agricultores, pescadores e salineiros, convertem-se em pólos industriais que atraem trabalhadores de todo o País.

"Gente de todas as aldeias, vilas e cidades do país para aqui migrou, como para um "Brasil em miniatura", assinala, em 1930, o jornal "Eco do Barreiro". A CUF, potentado do sector agro-químico, da metalomecânica e da indústria têxtil pesada, que transformou o velho Barreiro num centro fabril de topo, chegou a empregar 16 mil pessoas. A corticeira Mundet, nas suas fábricas do Seixal e Amora, ocupava cerca de 3 mil operários. O Arsenal do Alfeite, importante unidade de construção e reparação naval, representava mais de 1200 postos de trabalho. Com o século XX já adiantado, outros colossos industriais se estabelecem na Margem Sul: a Lisnave e a Siderurgia Nacional.

É certo que este vasto aglomerado de empresas não pagava ordenados por aí além. Mas tinha uma inestimável vantagem para quem vinha do Alentejo: garantia trabalho contínuo, chovesse ou fizesse sol, estivesse o patrão bem ou mal disposto, e algumas regalias sociais. Que mais poderiam desejar os que chegavam de uma terra onde grassava o desemprego, onde o pão dependia dos humores do clima e do proprietário rural e as jornas se contavam por tostões?

| **Alentejoilustrado** 6 - | 4 de Março de 2005

José Carlos Castro deixou o Alentejo em 1943. "Peguei num saco com um cobertor lá dentro e vim para Lisboa, para a construção civil. Andei a surribar ao pé de Belas, trabalhei em obras por aqui e ali. Era duro, mas o ordenado que recebia, uns 17 ou 18 escudos, chegava para viver".

"Peguei num saco, com um cobertor"

Manuel Madeira conhece de cor os 37 quilómetros que separam Montoito de Évora. Palmilhou-os mais de uma vez, quando trabalhou perto da capital do Alto Alentejo, no corte de lenha de eucalipto, tinha apenas 16 anos. "Saíamos de Montoito no domingo de madrugada, eu, o meu pai e outros companheiros, para estarmos em Évora às oito da manhã. Todos a pé, com o avio da semana ao ombro. Voltávamos a casa na sexta-feira, no mesmo 'transporte'".

Daquela vida pouco havia a esperar. O rapaz de Montoito fez-se ao caminho e rumou ao Barreiro, corria o ano de 1943. "Nunca tinha ido para os lados de Lisboa, nem conhecia por lá ninguém", garante. Mas a sorte protege quem arrisca. "Como tinha andado uns dias à escola e sabia umas letras, consegui empregar-me nos caminhos de ferro. Recebia 700 escudos, o que era bem bom, comparado com a meia dúzia de tostões que ganhava na minha terra. Vivía num quarto, arrendado por 400 escudos, e comia por fora". Embora os sulcos introduzidos pela industrialização fossem já profundos, o Barreiro dos anos 40 conservava ainda uma fisionomia rural. "Onde hoje se vêem urbanizações e prédios modernos, existiam quintas. Às portas do Barreiro viam-se hortas, vinhas, pastagens. Na Baixa da Banheira e Lavradio era a mesma coisa", recorda Manuel Madeira, com a autoridade dos seus 83 anos.

Os caminhos de ferro tinham uma importância crucial no quotidiano do Barreiro. Ali nascia a linha do Sul e Sueste, que fazia da localidade um eixo central das comunicações entre o Norte e o Sul do País; ali funcionavam as Oficinas Gerais do Caminho de Ferro, que davam emprego a 1500 trabalhadores. Os comboios transportavam carvão, madeira, sal, vinho e todo o tipo de géneros, mas também "numerosos contingentes de operários corticeiros da serra algarvia ou alentejanos, que se dispersam por toda a Margem Sul e, muito particularmente, se vêm fixar no Barreiro", realça a investigadora Ana Nunes de Almeida, no seu estudo "A Fábrica e a Família – Famílias Operárias no Barreiro".

À falta de boas estradas, "o comboio era fundamental na economia daquela época", observa Cândido Correia, outro antigo ferroviário. "E todas as mercadorias eram

carregadas às costas, com o esforço físico do trabalhador”. Que o diga José Carlos Castro, 73 anos, natural da Cuba. “Comecei a minha vida de ferroviário na estação de Alhos Vedros, onde estive dois anos. Trabalhava como servente, o que significa que era pau para toda a obra: carregava e descarregava volumes, dava entrada aos comboios, limpava as agulhas, fazia o que era preciso”. Filho do poeta popular Manuel António Castro, mais conhecido pelo “Castro da Cuba”, herdou do pai o interesse pelo mundo que o rodeava. “Pequeno ainda, ouvia na rádio os relatos do Fernando Pessa sobre a II Guerra Mundial. No dia seguinte, na monda, os homens perguntavam-me: ‘então ontem, como foi?’ E eu contava-lhes”.

José Carlos Castro deixou o Alentejo em 1943. “Peguei num saco com um cobertor lá dentro e vim para Lisboa, para a construção civil. Andei a surribar ao pé de Belas, trabalhei em obras por aqui e ali. Era duro, mas o ordenado que recebia, uns 17 ou 18 escudos, chegava para viver. Pouco tempo depois entrei para os caminhos de ferro. Ganhava apenas 11 escudos, mas a empresa dava-nos a oportunidade de ir à terra uma vez por semana, sem pagar bilhete de comboio”. Migrantes como José Carlos Castro e Manuel Madeira correspondem a um perfil que predominou até às décadas de 60/70. Pessoas com reduzidas qualificações escolares e profissionais, cuja situação de dependência as levava a aceitar o trabalho que lhes aparecesse. “Paus para toda a obra”, como desabafa José Carlos Castro. Anos mais tarde, uma segunda vaga de migrantes – mais escolarizados, já com uma certa qualificação profissional – chega à Margem Sul. António Soares Afonso, 58 anos, natural de Aljustrel, fez parte dessa vaga.

Com o ensino secundário completo e algum tempo de serviço nas minas da sua terra, António Afonso pôde escolher entre um emprego na TAP e outro na Siderurgia Nacional. “Optei pelo segundo e não estou arrependido”. A viver na Margem Sul desde 1971, começou por um posto de chefia menor no sector da laminagem da Siderurgia, a ganhar 3.300 escudos. “Depois dei a ‘volta’ toda: passei para o altos fornos, onde fui encarregado, assistente de turno e finalmente assistente geral”. Reformado desde 2001, António Afonso dedica-se à fotografia – fundou o Núcleo de Fotografia do Barreiro –, à prática e ao ensino do ténis.

Pias na Quinta da Lomba

“Em pouco tempo, a Margem Sul viu mudar em determinados pontos estratégicos o seu sotaque, formando-se comunidades com uma base territorial de origem”, destaca a antropóloga Ana Machado, autora de uma monografia sobre a comunidade alentejana no Feijó e o seu grupo coral. Já que tinham de deixar a sua região natal, os migrantes procuravam fixar-se em sítios onde havia gente da sua terra, o que levou ao aparecimento de “colónias” desta ou daquela localidade alentejana.

“Na Quinta da Lomba, há ruas inteiras de pessoal de Pias. Se formos para o Monte da Caparica, encontramos uma grande ‘colónia’ de Vale de Vargo”, informa o piense Joaquim Afonso, radicado no Feijó desde 1962. “Os alentejanos são muito agarrados à terra. Só a deixam em último caso e com uma certa segurança. Essa segurança era-lhes dada pela presença de um tio, um primo, um irmão ou de simples conterrâneos”. Joaquim Afonso “apoiou-se” num cunhado que já residia na Margem Sul. “Foi ele que me alertou para a abertura de concurso para empregados de mesa na Escola Naval da Base do Alfeite, onde vim a trabalhar durante 36 anos”.

O espírito de entreajuda nunca faltou entre os migrantes alentejanos. “Existia uma grande solidariedade entre nós”, assevera José Carlos Castro. “Quando algum chegava com pouco ou nenhum dinheiro, os amigos amparavam-no”. A investigação de Ana Machado confirma a importância deste suporte humano. “As relações de interconhecimento, quer nos locais de origem, quer nos locais de

destino, constituíram uma rede importante por permitirem um auxílio na procura de casa ou emprego. Os que se instalavam primeiro iam preparando a chegada dos seguintes, constituindo-se aos poucos uma grande 'colónia' alentejana”.

De acordo com Ana Machado, a chegada dos alentejanos valorizou as povoações da Margem Sul, conferindo-lhes a vida e as marcas de humanidade que geralmente faltam na periferia das grandes cidades. “A presença deste 'contingente' de migrantes rurais contribuiu para modificar a paisagem social e cultural destes espaços suburbanos, considerados lugares de repúdio, onde prevalecia o anonimato, a fluidez das relações sociais, sem vida própria, assente na concepção de subúrbios dormitórios da cidade”. Os homens trabalhavam na Siderurgia ou na Lisnave, mas ao fim do dia juntavam-se nas tabernas e cafés, comiam um petisco, cantavam, conviviam.

“Vindos de todos os cantos do Alentejo, do Alto, do Baixo ou do Litoral, os alentejanos transportaram na sua bagagem o apego à terra que os viu nascer, juntamente com os seus usos e costumes e uma cultura popular”, escreve Ana Machado. Nessa cultura sobressaía o cante, “grande hino identitário, lembrando a terra deixada, os usos e tradições”. Segundo Joaquim Afonso, “o cante dá-nos a oportunidade de expandir as mágoas e mostrar que, mesmo longe, continuamos a ser alentejanos”.

Nos tempos livres, os migrantes frequentavam os salões das muitas colectividades e sociedades recreativas da Margem Sul. Mas havia um senão: as sociedades olhavam com desconfiança o cante e habitualmente não o autorizavam. Por isso, quando queriam estar à vontade, beber uns copos e entoar umas modas sem receio dos regulamentos, os alentejanos procuravam as tabernas.

“A taberna é a casa-mãe do cante”, sintetiza Joaquim Afonso. “Muitas delas funcionaram como espaços de livre reunião, numa época em que a liberdade estava muito condicionada. Juntávamo-nos no final do dia ou no fim-de-semana, comia-se uma cabeça assada ou um ensopado de borrego e lá vinha o cante à baila. Até meados dos anos 70, havia muitas tabernas no Feijó. Hoje estão a desaparecer”. O mesmo se passava no Barreiro. “Quando sabíamos que nesta ou naquela tasca se cantava, íamos lá, aos 10 e aos 12”, diz José Carlos Castro. “Lembro-me da taberna do Zé da Amareleja, no Alto do Seixalinho, da Adega do Chico Jorge, do Alves, do Alentejano, na Baixa da Banheira, doutra no Lavradio”.

4 de Março de 2005 | **Alentejoilustrado** | 7

A chegada dos alentejanos valorizou as povoações da Margem Sul, conferindo-lhes a vida e as marcas de humanidade que geralmente faltam na periferia das grandes cidades.

O CANTE COM RUGAS

São oito os grupos de cante alentejano que actualmente se fazem ouvir nos concelhos de Almada, Barreiro e Seixal. Já foram muitos mais. Em 1997 existiam 13, na década de 80 aproximavam-se da vintena. “Após o 25 de Abril, os grupos nasciam como cogumelos”, afirma José Carlos Castro, dirigente do Grupo Coral Alentejano Amigos do Barreiro. Na origem do fenómeno esteve “a liberdade de expressão que a revolução trouxe” e os incentivos do Estado à preservação música popular portuguesa. Eram os tempos “em que as câmaras e juntas de freguesia não faltavam com o apoio aos grupos”, lembra o responsável pelo Grupo Coral Amigos do Alentejo do Centro Recreativo do Feijó, Joaquim Afonso.

“Na actualidade, pelo contrário, torna-se difícil aos grupos aceitarem muitos dos convites que recebem, pois as limitações financeiras das autarquias impuseram grandes cortes, especialmente ao nível da cedência de meios de transporte”. Mesmo assim, o grupo do Feijó não tem grandes razões de queixa. “Continuamos a contar com o apoio da Câmara Municipal de Almada e de algumas juntas do concelho. Beneficiamos de um subsídio de transporte que nos permite efectuar entre 15 e 20 deslocações anuais, e fomos ajudados na compra de novos trajés”, frisa Joaquim Afonso. “Os autarcas gostam de nós, talvez porque muitos dos presidentes das juntas de freguesia são provenientes do Alentejo”.

Segundo Joaquim Afonso, o coral do Feijó “teve origem numa associação hoje desaparecida, o Núcleo dos Amigos da Serra de Serpa. Depois de anos e anos a cantar informalmente, pensámos que tinha chegado a hora de formar um grupo a sério”. O projecto mereceu o acolhimento da Junta de Freguesia da Cova da Piedade e do Clube Recreativo do Feijó, que pôs as suas instalações ao dispor do grupo. Rodeada de grande entusiasmo, a apresentação oficial dos cantadores do Feijó aconteceu no dia 18 de Março de 1986.

Dez anos antes tinha sido criado o Grupo Coral Amigos do Barreiro. “Chegámos a ter elementos de 17 concelhos alentejanos, embora o concelho da Cuba estivesse em maioria”, conta José Carlos Castro. Na sua melhor época, “o grupo cantava por todo o Alentejo e por toda a área metropolitana de Lisboa”. Actualmente, os Amigos do Barreiro, como quase todos os seus pares da Margem Sul, enfrentam problemas de renovação. “O elemento mais jovem tem 55 anos. Se não fosse o nosso grande carinho e amor à cultura alentejana, já tínhamos desistido”. “Os nossos filhos têm outro modo de viver, a migração do Alentejo para a Grande Lisboa, felizmente, parou e os grupos foram muito afectados com tudo isso”, resume Joaquim Afonso. “Já tivemos 38 elementos inscritos no grupo. Uns saíam, outros entravam. Agora é mais difícil. Ficamo-nos pelos 25, e o mais novo tem 49 anos”.

Na opinião de Joaquim Afonso, a criação da MODA – Associação do Cante Alentejano, à qual o grupo do Feijó pertence, foi um importante passo. “Veio disciplinar um pouco o cante, chamando a atenção dos grupos para a maneira de estar e de interpretar a nossa música. Certas formas de cantar não tinham nada a ver com o Alentejo. Havia quem entrasse no palco embriagado, de telemóvel ou com a fralda da camisa de fora. Comportamentos destes já são raros. Tendem a acabar e ainda bem”.

'Vindos de todos os cantos do Alentejo, do Alto, do Baixo ou do Litoral, os alentejanos transportaram na sua bagagem o apego à terra que os viu nascer, juntamente com os seus usos e costumes e uma cultura popular

8 | **Alentejoilustrado** | 4 de Março de 2005

O êxodo para a Margem Sul principiou há muito, mas foi preciso esperar até 1996 para que surgisse uma associação dedicada à defesa da cultura e tradições alentejanas. Chama-se Alma Alentejana e nasceu em Almada

Entre Safara e a Cruz de Pau

O associativismo é um dos campos em que a presença dos alentejanos mais se fez sentir. “Há no concelho de Almada 174 colectividades de cultura e recreio. Poucas são as que não têm dirigentes nascidos no Alentejo”, afiança João Pereira, 63 anos, natural do Redondo. Esta influência levou algumas colectividades da Margem Sul a

apoiarem a formação de corais alentejanos. Como exemplo, aponte-se o Clube Recreativo do Feijó, "casa" do Grupo Coral e Etnográfico Amigos do Alentejo (ver caixa O cante com rugas). Existe, no entanto, uma associação especificamente vocacionada para a promoção da cultura da região: a Alma Alentejana, sediada no Laranjeiro. A associação intervém igualmente na área da solidariedade social, mantendo dois centros de dia para idosos, no Laranjeiro e na Cova da Piedade (ver caixa Com a Alma no Alentejo). Uma das mais fiéis frequentadoras deste último centro é Isaltina Guerreiro, de Santa Clara-a-Nova, concelho de Almodôvar.

Isaltina chegou à Margem Sul para se juntar ao marido, serralheiro na empresa Nitratos de Portugal. Desembarcou na Cova da Piedade com o berço da filha à cabeça e poucas saudades da vida que deixara para trás. Tal como os seus oito irmãos, Isaltina começou a trabalhar muito nova, "de sol a sol, por uma jorna de 25 tostões". Mondou, ceifou, cozinhou para os trabalhadores da "arranca" de madeira para os fornos de carvão. A mudança para a Margem Sul não lhe trouxe grandes venturas. A morte prematura do marido obrigou-a a angariar o sustento para si e para a filha. "Fui uma mulher dos sete ofícios: trabalhei em restaurantes, vendi roupas com uma carrinha, até conseguir um emprego estável, como cozinheira na Setenave".

O ingresso de Isaltina na Setenave tem uma história. "A empresa só admitia trabalhadores que tivessem, pelo menos, a 4ª classe. Ora eu não tinha passado da 1ª. O que vale é que há sempre quem ajude. Para o meu exame ser menos rigoroso, um médico passou-me um atestado declarando que sofria de perturbações mentais. Assim consegui o diploma da 4ª classe". Durante os 17 anos em que trabalhou na Setenave, Isaltina mostrou como o atestado médico era artificioso. "Trabalhava no duro, entrava à meia-noite e chegava a casa às dez da manhã. Até me chamavam o 'Foguetão', por ser mexida e desenrascada".

Maria Augusta pôs há muito de parte a ideia de voltar a Mombeja. Os filhos e os netos são "prisões" que a agarram à grande cidade e lhe tolhem o regresso às origens.

Ao lado de Isaltina está Maria Augusta Guerreiro, nascida em Mombeja, há 73 anos. Quando arranjar trabalho no Alentejo se tornou mais difícil, "quando apareceram as ceifeiras-debulhadoras e a monda química por avioneta", Maria Augusta, o marido e os dois filhos mudaram-se para a Cova da Piedade, em 1962. Disse adeus à ceifa e à apanha da azeitona, às açordas de alho e aos "jantarinhos" de feijão e pôs-se a trabalhar a dias. No fim do mês tirava 60 contos, ordenado impensável se tivesse continuado no Alentejo. "Viemos a pensar nos nossos filhos. Porque não queríamos que passassem o mesmo que nós".

Maria Augusta pôs há muito de parte a ideia de voltar ao Alentejo. "A casa de Mombeja deteriorou-se e tivemos que a vender, com grande pena nossa". Há depois os filhos, os netos, "prisões" que os agarram à grande cidade e lhes tolhem o regresso às origens. Mesmo assim, há quem não desista de voltar ao ponto de partida, se não a tempo inteiro, pelo menos parcialmente. É o caso de José Figueira, que aos 64 anos se reparte "entre cá e lá", que é como quem diz, entre a Cruz de Pau e Safara, sua terra natal. "Quando nos aborrecemos, eu e a mulher metemo-nos no carro e vamos passar uma temporada a Safara". A casa é a dos pais, "reconstruída por mim, tão confortável como a casa da Cruz de Pau". O pior são as condições de vida em Safara. "Não existe um posto médico, a água falta com frequência, é preciso ir à fonte. São coisas que nos afastam, apesar do amor que sentimos pela nossa terra".

No centro de dia da Cova da Piedade, Isaltina, Maria Augusta, Esmeralda Ferro e outras mulheres preparam a próxima actuação do grupo coral a que pertencem, as

"Cantadeiras da Alma Alentejana". Daí a pouco, no salão de uma modesta colectividade do Laranjeiro, do Monte da Caparica, de Corroios, desfiarão, num punhado de modas sentidas, as saudades do seu Alentejo. Não tanto saudades da terra, pois os progressos rodoviários encurtaram as distâncias e as viagens são mais fáceis que nunca, mas sim do passado que irremediavelmente lhes fugiu. Saudades do Alentejo da sua mocidade, paraíso perdido, lugar mítico onde não tiveram direito a viver. Porque as circunstâncias e os homens que as moldam os obrigaram a partir. De saco às costas, com as algibeiras vazias e o cante no coração.

O êxodo para a Margem Sul principiou há muito, mas foi preciso esperar até 1996 para que surgisse uma associação dedicada à defesa da cultura e tradições alentejanas. Chama-se Alma Alentejana e nasceu em Almada, o que não é de admirar, uma vez que "pelo menos 40 mil dos 180 mil habitantes daquela cidade, são originários do Alentejo", acentua o presidente da associação, Joaquim Avó.

Com um total de 1500 sócios, "nem todos alentejanos", a Alma reparte a sua agenda de actividades entre as iniciativas culturais e a solidariedade social. Homenageia personalidades do Alentejo, organiza colóquios, visitas, jogos florais e uma feira anual de produtos alentejanos. Publica ainda uma revista cultural, de periodicidade quadrimestral.

A pensar na melhoria das condições dos idosos a associação instituiu dois centros de dia para idosos, no Laranjeiro e Cova da Piedade, e planeia abrir um terceiro, no Pragal, além dum centro de convívio, na Trafaria. No domínio da educação, está prevista a criação de uma quinta pedagógica, em parceria com a Faculdade de Ciências e o grupo de teatro Extrema, para revelar às crianças aspectos desconhecidos do mundo rural.

"As autarquias têm apoiado a Alma Alentejana desde a primeira hora", reconhece Joaquim Avó, que nasceu em Borba e está na Margem Sul desde 1966. Um apoio inteiramente merecido, pois "o concelho de Almada foi construído, em boa parte, com o esforço dos alentejanos".

João Pereira, 63 anos, Natural do Redondo é um dos milhares de alentejanos que trocou as dificuldades na terra natal por um trabalho seguro na Margem Sul

In <http://cantoalentejano.com/novidades/?id=44&det=1>

OBSERVATÓRIO DO CANTE NASCE NO BAIXO ALENTEJO - 26-04-2005



A Cortiçol – Cooperativa de Informação e Cultura, CRL, sediada em Castro Verde, idealizou e instituiu o Observatório do Cante Alentejano, tendo em vista "a busca sistematizada de informações sobre os corais e o seu subsequente tratamento e divulgação", explicou ao "DA" Colaço Guerreiro, responsável por esta iniciativa.

O observatório é uma resposta às "dificuldades" com que se debate o cante alentejano e, adianta a mesma fonte, recorre "ao empenho de algumas figuras dedicadas" a esta actividade, em estreita colaboração com a MODA - Associação do Cante Alentejano.

Os trabalhos com vista a compilar todos os dados que permitam avaliar a pujança do movimento coral já se iniciaram. Neste momento o objectivo passa por saber quantos são, quantos elementos integram, como se repartem pelos diversos escalões etários, quantos masculinos, quantos femininos e quantos infantis. Subsequentemente, explica Colaço Guerreiro, "será verificada a evolução que em cada momento traça indicadores do alargamento, da contracção, do envelhecimento ou do rejuvenescimento do conjunto dos intérpretes do nosso cancionário".

Para Colaço Guerreiro – advogado e habitual realizador do programa "Património", na Rádio Castrense –, "sendo certo que a "moda" é o pilar principal da estrutura" do universo cultural alentejano, "também é indiscutível que são os corais os detentores da viabilidade da sua manutenção como a expressão mais autêntica" dos alentejanos.

Por isso, complementa, "urge lançar um olhar atento e profundo sobre os grupos, com vista a serem encontradas bases de apoio e novas atitudes que ajudem à sua manutenção e desejável projecção para níveis superiores de acção".

Colaço Guerreiro entende que "só conhecendo profundamente a realidade do movimento coral se poderá avaliar a dimensão da sua força e também, naturalmente, o drama do seu existir". "Junto de todas as entidades que têm por dever salvaguardar a nossa tradição vocal, o Observatório do Cante Alentejano trará, futuramente, os dados e os estudos comparativos que em campo for recolhendo e constatando", afirma.

In

<http://anthropolugus.blogspot.com/2007/07/encontro-sobre-migraes-alentejanas-na.html> Ana Machado



O IX Encontro da Aldraba: «Raízes do Sul», da Associação Aldraba sobre o impacto da migração alentejana na Margem Sul teve lugar dia 29, no Centro de Dia da Associação Alma Alentejana, no Pragal.

Foi um encontro interessante, de debate e de fruição de ideias, dando lugar a uma reflexão que uniu todos os participantes num diálogo salutar e agradável.

Eu tive o prazer de fazer parte da mesa dos oradores, tendo apresentado algumas das conclusões gerais da minha tese de mestrado em antropologia, centrada na construção das estratégias identitárias de um grupo coral alentejano, «Os Amigos do Alentejo» do Clube Recreativo do Feijó. Nessa medida, foram referidos alguns dos processos que caracterizaram a vinda destas gentes, originados geralmente por redes familiares e sociais que possibilitaram a sua sobrevivência económica e social - o alojamento nos primeiros tempos e o acesso ao trabalho. Foi mencionado igualmente a importância das colectividades do concelho de Almada na integração desta população migrante, desempenhando um papel importante no convívio e integração social da mesma. O cante nestas paragens assumiu-se como uma estratégia identitária que unia os alentejanos de todas as partes desta província, cantando-se não apenas a terra natal, mas toda uma província. Com a formação do grupo coral acima mencionado, em 1986, a e a força do cante ganha maior força no concelho de Almada. Aos poucos, o cante adapta-se a uma expressão performativa que transforma o calendário ritual desta região, expressando-se nas festividades das Janeiras, no aniversário do grupo coral, em Março, no desfile do 25 de Abril, nas semanas do Alentejo, em Junho, nas festas de Nossa Senhora da Piedade, entre outras ocasiões.



Conclui a apresentação deixando como tema de reflexão, a questão da sobrevivência e futuro dos grupos corais na cintura industrial de Lisboa, na medida em que estes homens estão a envelhecer e os mais novos não parecem, ainda, seduzidos pelo cante.

A outra interveniente, Inês Fonseca, antropóloga da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, que também tem vindo a efectuar ao longo de 12 anos trabalhos no Alentejo, focou outra questão essencial, a do retorno destas gerações migrantes, que começam agora a voltar ao Alentejo para gozar a reforma. Pelo que a Inês apresentou, achei curioso, que nem todos regressem à sua aldeia, uns porque perderam casas ou família nesses locais, instalando-se noutras terras que lhes proporcionem boas condições de vida. Em algumas localidades, há bem pouco tempo desertas, a esperança voltou novamente, começando a ver-se mais gente regressada da área metropolitana de Lisboa, trazendo consigo filhos e netos. Joaquim Avó, o último orador, apresentou, por seu turno, uma vertente mais relacionada com o Associativismo no concelho de Almada, dando o exemplo da Alma Alentejana, que preside, e tem múltiplas actividades, sobretudo no apoio domiciliário a idosos e aos mais carenciados, possuindo diferentes centros de dia. Após as apresentações, o debate centrou-se nas questões do associativismo, no futuro do cante na Margem Sul, tendo suscitado múltiplas intervenções. O debate foi interessante na medida em que se constatou que não podemos cristalizar as tradições e torná-las imutáveis. Assim conforme o cante veio, também poderá

regressar às suas origens, podendo ganhar novas roupagens, novos contornos. Neste seguimento, uma das surpresas deste debate foi saber da existência de um grupo coral alentejano, constituído por alunos do ensino superior, no Porto!!! Fenómeno insólito que aqui deixo registado e que merecerá alguma reflexão da parte de quem se interessa por estas práticas culturais. Após um almoço de grão, um prato tipicamente alentejano, ainda houve tempo



para passear pelo Cristo Rei, ali nas imediações, debaixo de um sol escaldante e sufocante. O encontro acabaria com a declamação dos poemas, sempre belos, da poetisa de Campo Maior, Rosa Dias e as modas entoadas pelas «Mondadeiras» da Alma Alentejana.

Aldraba - Associação do espaço e Património Popular

<http://www.aldraba.org.pt/>
aldraba@gmail.com

1 O CANTE QUE SE OUVI NO FEIJÓ! - RELATOS DE UMA PESQUISA ANTROPOLÓGICA

ANA DURÃO MACHADO - Antropóloga

1. O estudo antropológico de um grupo coral alentejano no Feijó

O salão do Clube Recreativo do Feijó estava cheio de gente, sentindo-se um ambiente acolhedor de convívio e animação entre os alentejanos. Muitos não se veriam, talvez, há algum tempo, fruto das contradições da vida que os levava a migrar e a instalar-se no concelho de Almada, aproveitando agora estes pretextos sociais, para matar as saudades e actualizar as novidades da terra natal.

Fitas coloridas, em vermelho e verde enfeitavam as paredes, expressando sentimentos de pertença e de celebração de uma terra mítica, o Alentejo: "A cantar também se luta!", "Alentejo, um povo, uma cultura, uma região!", "Em prol da cultura do Alentejo!".

À entrada do clube juntavam-se grupos corais vindos de várias partes do Alentejo, da Margem Sul e dos arredores de Lisboa, convidados para actuar na festa de aniversário do grupo anfitrião. Vinham vestidos a rigor, num caleidoscópio de cor, que despertava os sentidos, com os seus chapéus pretos, os lenços axadrezados, as botas de cano alto, os cajados, os alforjes, entre outros acessórios. Enquanto afinavam as vozes, combinavam-se os últimos pormenores para o espectáculo que se seguiria.

Tratava-se do 13º aniversário do Grupo Coral Etnográfico Amigos do Alentejo do Clube Recreativo do Feijó. Foi nesse dia, em Março de 1999, que a convite de um amigo me desloquei ao Feijó e conheci os Amigos do Alentejo. Recordo-me que nessa altura, o meu interesse pelas questões ligadas ao cante coral alentejano se intensificara, em virtude de pretender desenvolver essa temática na tese de Mestrado, que me encontrava a delinear, embora o pretendesse estudar numa região do Alentejo. Mas, o facto de ter ido naquele dia ouvir o cante no Feijó, revelou-se uma surpreendente coincidência, tendo modificado o trajecto metodológico já delineado.

Posteriormente estabeleci contacto com o grupo, nomeadamente com o Sr. Afonso, o Sr. Pereira e o Sr. Ramos, membros do mesmo, e através de entrevistas e de conversas informais, fui tomando conhecimento das origens do grupo, das suas peculiaridades e características. Nessa altura, tornou-se evidente a importância que representava um estudo antropológico sobre o cante fora do Alentejo, numa freguesia do concelho de Almada. No Feijó eram notáveis os fenómenos da mudança e de recomposição identitária, que demonstravam que o cante era capaz de se adaptar e transformar face à complexidade dos fluxos migratórios.

Face ao interesse que este terreno antropológico me suscitou, abandonei a ideia de ir para o Alentejo estudar outros grupos corais, (na altura ainda não estava decidido onde iria realizar a pesquisa) e fixei-me no Laranjeiro, próxima do C.R.F., onde permaneci alguns meses junto do grupo coral, elaborando um trabalho de observação participante e análise etnográfica.

Comecei a delinear uma investigação centrada no conceito da identidade do alentejano migrante, questionando o modo como o sentimento da alentejanidade era vivido no Concelho de Almada, através do cante. Por outro lado, sentia curiosidade em perceber como um grupo coral Alentejano, situado na cintura industrial de Lisboa, conseguia compatibilizar a diversidade regional dos seus elementos, em proveito de um colectivo. Como é sabido, o cante alentejano distingue-se consoante algumas terras do Alentejo¹, sendo importantes os pormenores performativos, como os requebres que lhe são dados, as entoações, os sotaques, a cadência, entre outros, existindo mesmo uma certa disputa e rivalidade entre terras em relação aos melhores cantadores. Ora aqui, neste território migrante, toda essa diversidade se dissipa conjugando-se em torno de uma partilha de vozes, que se moldam conforme a influência regional dos membros que

compõem o grupo. O grupo do Feijó, como possivelmente outros grupos, em iguais circunstâncias, como os da Amadora, Paio Pires, Baixa da Banheira, Palmela, Barreiro, entre outros, possui assim, uma especificidade muito própria. Nessa perspectiva, um dos enfoques da minha pesquisa consistiu em compreender como se conjugam num só grupo, uma sonoridade particular, quando estão presentes elementos tão heterogêneos, com diferentes sotaques e formas de cantar, e com concepções de cante, por vezes, pouco coincidentes.

¹ Segundo a tradição o cante alentejano distingue-se entre a margem esquerda do Guadiana e a margem direita do mesmo rio. Na primeira, o cante costuma ser mais alegre e ritmado, enquanto que na segunda o canto é mais grave, solene e rezado

2. O cante Alentejano no Feijó

Antes de introduzir alguns dos aspectos que caracterizaram o trabalho que desenvolvi com o grupo coral alentejano do Feijó, gostaria de fazer a contextualização do cante nesta freguesia do concelho de Almada, de modo a conhecer-se a origem desta sonoridade no local.

O Cante Alentejano terá chegado ao Feijó, em meados dos anos 1950s, 1960s, quando começaram a afluir a este lugar muitos alentejanos, atraídos pela perspectiva de habitação com rendas acessíveis, e pela proximidade aos postos de trabalho, existindo muitos alentejanos a laborar no Arsenal do Alfeite, na Lisnave e noutras indústrias situadas nos arredores. O impacto desta população migrante foi tal na freguesia, que em poucos anos ela conheceu um novo sotaque, outros hábitos e costumes, convertendo-se numa autêntica colónia alentejana, com redes sociais muito intensas, baseadas em laços de família e conterraneidade.

Nos tempos livres, o homem alentejano, à imagem e semelhança do que praticava no Alentejo, procurava pontos estratégicos de convívio, procurando o encontro com outros conterrâneos. As colectividades, como as associações recreativas e os clubes, terão desempenhado um papel importante nesse sentido, promovendo a sua participação e a inter-relação social. No entanto, era nas tabernas e nos pequenos "tascos" do Feijó, lugares consagrados aos homens, que as relações de camaradagem se intensificavam, onde não havia normas nem regras a cumprir, comportamentos considerados inadequados ou desviantes. Nesses lugares reciou-se um ambiente tipicamente alentejano, influenciado em muitos casos pelos próprios proprietários desses estabelecimentos, frequentemente também alentejanos. Esses, eram os seus verdadeiros "refúgios", onde entre um copo de vinho e uma fatia de pão com queijo, ou chouriço, entre outras iguarias e pitéus, se juntavam as vozes e os sotaques, se entoava o cante sentido, nostálgico e saudoso, evocando a terra deixada.

Este cante espontâneo começou a ser difundido pelo Feijó em encontros esporádicos ou sistemáticos de grupos informais, sendo presença confirmada em convívios regionais. Segundo o Sr. José Ramos, ensaiador do grupo coral do Feijó, antes deste ser institucionalizado o ambiente na freguesia era propício ao cante. " Nós frequentávamos algumas casas aqui no Feijó, onde havia um ambiente alentejano. Havia um restaurante aqui, que era o Romão e as pessoas juntavam-se ali, bebiam os seus copos, cantavam as suas cantigas, e digamos que era um refúgio onde as pessoas se juntavam, principalmente aos fins-de-semana (...) "

A criação do Grupo Coral Amigos do Alentejo surgiu apenas nos anos 1980s, a 21 de Março de 1986. Segundo alguns membros fundadores do grupo, este teve origem num outro grupo coral, chamado Os Amigos da Serra de Serpa, formado por vários elementos de terras próximas de Serpa, na ocasião de um piquenique de convívio anual. Apesar do intento, esse coral nunca teve vida própria, nem contornos oficiais, surgindo apenas em encontros esporádicos. Este grupo de cantadores acabou por se dissolver com a formação dos Amigos do Alentejo.

Nessa altura, os impulsionadores do coral enviaram cartas aos melhores cantadores do Feijó e arredores, segundo conta o Sr. Domingos Reganha, um dos fundadores. Após várias diligências o grupo foi formado com 14 elementos. Mais tarde, com a fama que ganhou na região, o grupo chegou a possuir 36 membros. No início do

seu percurso artístico como não tinham sede, nem lugar para ensaiar as modas, foi nomeada uma comissão que se reuniu com o Clube Recreativo do Feijó, com o objectivo de se filiarem no clube e oficializarem a criação do grupo.

A formação deste coral no Concelho de Almada, enquadrou-se numa conjuntura política e cultural pós Abril, que defendia com fervor a promoção dos valores populares e da música popular portuguesa, e a revivificação das bandas filarmónicas, ranchos folclóricos e coros tradicionais, o que durou até à segunda metade da década de oitenta. Data dessa época a formação de outros corais alentejanos, na periferia de Lisboa, sobretudo nos concelhos do Barreiro, do Seixal de Setúbal, de Loures e Oeiras. Em 1982, este fenómeno era de tal modo evidente em toda a Cintura Industrial, que Colaço Guerreiro, alertava para a importância que esses grupos, criados fora e dentro do Alentejo, desempenhavam na preservação do património cultural.

“ Cá e lá, ou onde quer que existam, os grupos corais representam, como nada mais, a veracidade do nosso ser, e ilustram de forma ímpar o virtuosismo do nosso povo.”²

² GUERREIRO, Colaço (1982) Revista Alentejana, Dezembro. 5

3. A caracterização do grupo coral Amigos do Alentejo

O grupo coral do Feijó, tal como é comum em grupos corais localizados fora do seu território original, apresenta uma importante diversidade regional, incluindo indivíduos de várias terras do Alentejo, incluindo do Baixo e do Alto Alentejo e da orla litoral.

Em 1997, segundo os dados recolhidos por José Pereira³, os Amigos do Alentejo contavam com 29 elementos, os quais representavam 15 localidades diferentes (20 indivíduos do Baixo Alentejo, 6 do Alto Alentejo, 1 do Alentejo Litoral, e 2 jovens já nascidos no Concelho de Almada). Neste conjunto salientava-se uma percentagem significativa de membros pertencentes aos concelhos de Serpa e Barrancos, com uma predominância de elementos, de um modo geral, da Margem Esquerda do Guadiana.

Em 2000, à data da minha investigação no terreno, o grupo contava com cerca de 28 elementos, embora quatro se encontrassem na altura, afastados por motivos de doença, ou deslocados por motivos profissionais. Nesse conjunto estavam representadas 13 terras do Alentejo (19 indivíduos do Baixo Alentejo, 3 do Alto Alentejo, 1 do Alentejo Litoral). Dentro destas proveniências salientava-se ainda os elementos pertencentes aos concelhos de Serpa, Barrancos e Moura.

Apesar de algumas saídas e entradas de participantes, devido a deslocações dos seus membros para outras paragens, falecimentos ou mesmo por motivos pessoais, regista-se ao longo dos seus 20 anos de existência, que o grupo tem conservado um número estável de elementos, que se situa entre os 27 e os 28 homens, embora como já foi referido, tenham chegado a ter 36 elementos. São sobretudo, os do Baixo Alentejo, nos quais se incluem os provenientes do concelho de Serpa e das regiões raianas, da Margem Esquerda do Guadiana, que se mantêm firmes dentro do grupo e lhes assegura uma certa continuidade. O mesmo não se pode afirmar dos representantes do Alto Alentejo, ou da orla litoral, que têm pouca visibilidade no seio do grupo.

A média de idades que estes homens apresentam, aproxima-se da faixa etária dos 56-60 anos, e dos 46-50 anos, correspondendo ao principal grupo migrante que chegou ao

³ Cf. PEREIRA, José (1997) Corais Alentejanos – Lisboa, Edições Margem 6

Concelho de Almada em 1950s, 1960s. Trata-se de um grupo composto por idades entre os 60 e os 70 anos.

No que diz respeito à residência dos elementos do coral, pode dizer-se que a sua área de influência se tem expandido, uma vez que a constituição original era oriunda sobretudo do Feijó e do Laranjeiro e actualmente abrange outras localidades do concelho de Almada e também do Seixal (Corroios, Miratejo, Paivas, ou Cruz de Pau). Esta situação explica-se pela existência de redes sociais de interconhecimento entre os alentejanos residentes nestas proximidades, acabando por ser trazidos por familiares, amigos, colegas de profissão ou conterrâneos.

4. O trabalho de campo no Feijó

Ao longo dos quase seis meses que estive em permanência a residir no Laranjeiro e a acompanhar o Grupo Coral e Etnográfico Amigos do Alentejo do Clube Recreativo do Feijó, assisti a muitos momentos festivos, a alguns ensaios, a acontecimentos da vida quotidiana, como casamentos e funerais, e fui reflectindo de uma forma diferente sobre a vivência destes alentejanos.

Com a estadia no terreno pretendi, assim, desvendar os pormenores que não são perceptíveis em cima de um palco, onde a imagem concertada da performance ilude todo um trabalho de bastidores, que não se vê e não se percebe. Talvez por isso, e apesar de ter considerado importantes os espectáculos de cante, os encontros de corais, os desfiles, procurei estar mais atenta, a tudo o que se passava fora do domínio público, de forma a perceber como se constrói e molda um grupo, tendo como referência uma identidade regional, quando no seu interior predomina uma certa heterogeneidade de proveniências.

Nesse sentido, considero que os ensaios do grupo constituíram os momentos mais ricos em termos etnográficos, para o conhecimento do mesmo, não só por existir um ambiente mais descontraído e mais propício ao convívio, mas por ser aí, onde o grupo se define, se desenvolve e se confronta, onde se tomam as grandes decisões referentes ao repertório e ao modo como se canta, e se discutem os problemas internos do grupo. Nessas ocasiões, tive a oportunidade de assistir ao modo como se harmonizam as vozes e as modas, segundo a apreciação e o critério do ensaiador, o que nem sempre é consensual com o grupo, visto existirem muitas versões do cante, consoante as terras do Alentejo. Por outro lado, essa harmonização das vozes não é possível sem correcções, sem críticas, o que pode gerar melindres e tensões, para quem não tolera bem esses ajustes.

Do mesmo modo, constatei durante os ensaios, que reunir homens de terras diferentes num grupo coral, tem outras implicações que ultrapassam a sonoridade e a forma como se canta em conjunto, abrangendo também os aspectos ligados aos valores e tradições de cada localidade. Essa realidade tornou-se evidente num dos ensaios em que se cantou a moda "Sai- el- Touro"⁴. Essa moda, cantada na região de Monsaraz, defendia a vida de um touro na arena. Numa altura, em que as festas de Barrancos e a morte do touro eram o assunto polémico da ordem do dia, os elementos de Barrancos presentes no grupo contestaram a moda pelo seu teor ideológico, não se sentindo à vontade com a sua possível apresentação em palco. Por não existir consenso entre o grupo a moda não foi integrada no repertório do mesmo.

Outra das dificuldades com que o grupo se depara por vezes relaciona-se com o desajustamento de opiniões e com o choque de diferentes personalidades dentro do mesmo, o que torna as relações sociais por vezes difíceis e tensas. Sentimentos, como o orgulho, a honra e a vergonha, têm levado ao afastamento de alguns elementos, apenas porque em determinados momentos não cederam perante o colectivo.

No entanto, apesar de poderem surgir alguns conflitos entre estes homens, a noção do colectivo é um dos principais estandartes do grupo, o que lhe tem dado sustentabilidade ao longo do tempo e feito dele um ícone do cante em Almada.

Durante o período em que me encontrei no terreno acompanhei também o grupo em diversas actuações e saídas ao Alentejo, convivi mais de perto com as suas

famílias, em especial com as mulheres e tive acesso a um outro mundo, ao feminino.

Com elas conheci um outro lado da vivência do cante e do grupo coral, o mais desconhecido e oculto de todos. As mulheres apesar de não participarem activamente neste tipo de performance, reúnem-se e convivem, frequentemente, através das actividades desenvolvidas pelo grupo coral, desempenhando um papel importante na estrutura familiar do grupo. São elas que tratam e cuidam dos trajes etnográficos dos maridos com especial apreço, que contribuem para a montagem e preparação de certas actividades do coral, que os apoiam e incentivam. Neste sentido, o Grupo Coral Amigos do Alentejo para além de alicerçar uma sociabilidade masculina é também um catalizador do encontro feminino. São momentos geralmente animados e festivos.

Através da minha inserção no grupo constatei que o cante tem duas vertentes: uma mais performativa, para o público em geral, aquele que é cantado em cima de um palco, de forma harmónica e alinhada; e outra mais espontânea, o cante que surge depois da actuação, mais vivido pelos seus participantes. Nessas ocasiões, cada um dá o seu melhor, em toadas improvisadas, onde o sentimento e o gosto de cantar são os aspectos mais importantes, por isso não importa se o cante é desafinado ou desconcertado. Acompanhados de um copo de vinho tinto para aquecer as gargantas, de um petisco, ou mesmo depois da refeição (geralmente oferecida pelo grupo anfitrião do evento) os homens dispõem-se em redor uns dos outros, cantando à desgarrada até quase a voz não ter expressão. Esse outro lado do cante alentejano é talvez o mais genuíno e o original, aquele que estes homens aprenderam nas tabernas com os mais velhos nas suas terras natais. É um cante mais solidário do que o performativo visto nos palcos, pois qualquer um pode tentar os tons que habitualmente não faz num espectáculo, sem as censuras do ensaiador, os reparos e correcções dos colegas. Canta-se por prazer, sucedendo-se as modas, de acordo com as preferências de cada um.

5. O Alentejo vivido no Feijó

“ Só quando se está longe é que começamos a dar valor a pequenas coisas. Dou muito mais valor à cultura popular alentejana e sinto-a muito mais agora, do que quando vivia no Alentejo” (Sr. Alho, antigo membro do grupo coral)

Esta citação reforça a ideia que os mecanismos de exaltação das tradições neste tipo de realidade, assentes num sentimento de nostalgia e de saudade e em fundamentos românticos, alicerçam uma memória colectiva, reanimada através de práticas e cerimónias rituais.

Um dos maiores dinamizadores e promotores da cultura alentejana, nesta região tem sido assim o grupo coral do Feijó, que conferiu uma nova roupagem a algumas tradições locais, como a Festa de Nossa Senhora da Piedade, em Setembro, as Janeiras, o 25 de Abril, entre outras. Também tem sido promotor de novas tradições e festividades, assinalando em Março, o seu aniversário, na sede do Clube Recreativo do Feijó, com um grande espectáculo de cante e de variedades regionais, assim como tem desenvolvido, desde há vários anos, actividades culturais em Junho, onde se destaca o encontro de corais e o desfile dos mesmos pelas ruas do Feijó.

Estas novas tradições, não tendo uma existência anterior na localidade, ou pelo menos com uma expressão tão vincadamente alentejana, tornaram-se já uma referência obrigatória, integrando o calendário ritual e festivo do espaço suburbano onde vivem.

Nessa perspectiva, não é de estranhar ver as ruas do Feijó, em dias de festa ou de desfile, repletas de homens trajados etnograficamente, em tons garridos e atractivos, recordando personagens rurais típicas do antigamente, como os pastores, ceifeiros, almocreves ou feitores, vindos de um Alentejo rural e

longínquo, cantando modas passadas, invadindo de cor a paisagem marcada pelo betão. Nessas alturas, diria, que este território, que não é alentejano, é como se fosse recriado à escala e semelhança de um Alentejo imaginado e idealizado, ganhando o cante, a força de uma resistência, de uma preservação cultural, servindo como um ritual renovado que permite o diálogo entre um tempo passado e o actual. O entusiasmo da audiência é visível, atraindo conterrâneos de toda a região de Almada e arredores. Nesses dias vive-se o Alentejo de uma forma mais intensa e visível.

Este fenómeno cultural de particular interesse trouxe assim uma nova dinâmica ao cante, acentuando, por um lado, uma continuidade com o passado e com a tradição, e por outro lado, uma maior criatividade, no sentido em que há um reajustamento entre a memória do cante que se viveu no Alentejo e a realidade que se vive no contexto de residência actual, resultando dessa tessitura, uma abordagem inovadora desta sonoridade alentejana.

Nesta medida, o cante desterritorializou-se e ganhou a consistência que conhecemos hoje em toda a Margem Sul, sendo mais do que uma musicalidade do sul, do que um elemento performativo, assumindo-se como uma estratégia identitária, um mote reivindicativo de uma região, um discurso e uma prática emblematizada.

Ao completar 20 anos, em Março de 2006, o Grupo Coral Etnográfico Amigos do Alentejo do Clube Recreativo do Feijó demonstra que esse espírito de congregação se mantém, revelando tenacidade, resistência, coesão e persistência, na reafirmação das suas pertenças ao Alentejo.

Resta saber por mais quanto tempo se continuará a ouvir cantar à alentejana por esse Feijó e por todos os lugares da cintura industrial de Lisboa, onde existem grupos corais, uma vez que estes estão a ficar cada vez mais envelhecidos, não havendo passagem de testemunho às gerações mais novas, que não encaram com entusiasmo esta herança cultural. No entanto, como diz o poeta e antropólogo Luís Maçarico, "enquanto houver alentejanos, a sua alma não ficará calada..."⁵, por conseguinte, enquanto viverem em Almada, esta não deixará de se ouvir...

⁵ MAÇARICO, Luís (2000) " O Alentejo, o Cante e os seus Poetas" in: Arquivo de Beja, vol. XIII, Série III, Beja, p.15

⁴ A transcrição dos principais versos é a seguinte:

"Sai el- Touro

Da praça de Monsaraz,

Não no piquem,

Não no matem,

Deixem-no viver em paz. " 8